

BOLETIM DE CONJUNTURA

74

2013

3º TRIMESTRE

preços de venda

carteira de encomendas

estado dos negócios

tendências

produção e utilização da capacidade

pessoas ao serviço

A P I C C A P S

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS INDUSTRIAIS DE CALÇADO
COMPONENTES E ARTIGOS DE PELE E SEUS SUCEDÂNEOS

No terceiro trimestre, o estado dos negócios da indústria portuguesa de calçado permaneceu satisfatório, de acordo com o inquérito de conjuntura da APICCAPS. A utilização da capacidade produtiva foi normal para a época do ano, a produção demonstrou uma ligeira tendência de crescimento e, na maioria das empresas, a carteira de encomendas garante a atividade por um período significativo. Esta evolução tem-se refletido no emprego na indústria que continuou a evoluir positivamente. Os mercados externos e o preço das matérias-primas mantêm-se como os principais focos de preocupação dos inquiridos, apesar de terem evoluído favoravelmente.

As empresas acreditam que a situação não se alterará substancialmente até ao final de 2013, devendo a produção estabilizar, a carteira de encomendas registar algum crescimento e o emprego manter a tendência positiva que vem demonstrando.

Publicação Trimestral editada pela



ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS INDUSTRIAIS DE CALÇADO COMPONENTES E ARTIGOS DE PELE E SEUS SUCEDÂNEOS

Com o apoio do programa COMPETE

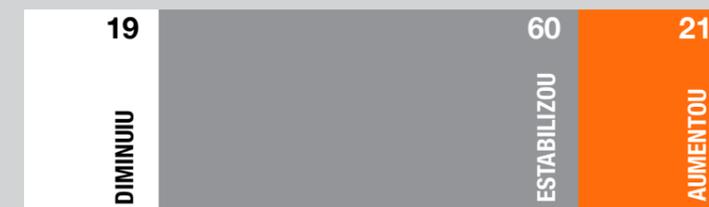
Coordenação Técnica

CEGEA - Centro de Estudos de Gestão e Economia Aplicada da Universidade Católica Portuguesa, Porto

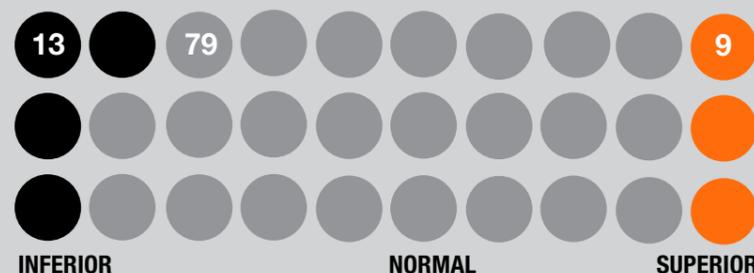
1 - APRECIÇÃO DA SITUAÇÃO DO SETOR NO 3º TRIMESTRE DE 2013

Produção

No terceiro trimestre, a **produção** da indústria de calçado mostrou uma ligeira tendência de crescimento: 60% das empresas afirmam que a produção estabilizou mas, entre as restantes, as que dizem que aumentou excedem as que dizem o oposto em 2 pontos percentuais (p.p.). O trimestre correu melhor às empresas para quem a coleção própria tem menor peso nas vendas, tendo aquele saldo de respostas extremas atingido os 28% entre as que vendem apenas coleções concebidas pelo cliente.



Utilização da Capacidade



A **utilização da capacidade produtiva** continuou a evoluir positivamente: as empresas que dizem que é normal para a época do ano aproximam-se já de 80% e o saldo entre as que dizem que está acima e abaixo do normal foi de apenas -4 p.p., o melhor resultado dos últimos dois anos. Também neste aspeto, as respostas são mais favoráveis entre as empresas com menor peso de coleção própria nas vendas.

Carteira de Encomendas

Dois terços das empresas inquiridas afirmam que a sua **carteira global de encomendas** permaneceu sensivelmente inalterada e esta percentagem aumenta para 76% entre as que se dedicam exclusivamente à venda de coleção própria. No entanto, as empresas que registaram uma diminuição da carteira são mais do que as que conseguiram um aumento, originando um saldo negativo de -8 p.p. que reflete um abrandamento já previsto pelos inquiridos no final do trimestre anterior.

O saldo de respostas extremas é menos acentuado no que respeita à **carteira de encomendas vindas do estrangeiro** (-4 p.p.), sendo até positivo entre as empresas sem coleção própria (+13 p.p.). Corrigidos os efeitos da sazonalidade, esta variável tem-se mantido próxima de zero ao longo do último ano, denotando uma estabilização da procura internacional pelo calçado português.

CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS



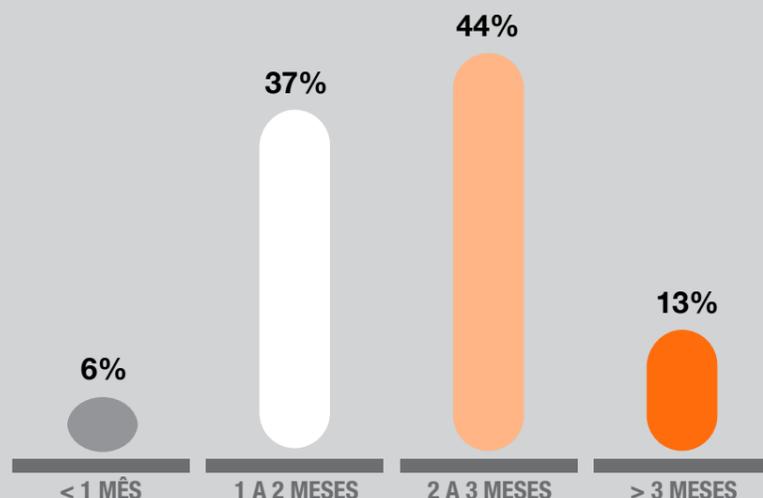
CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO



Horizonte

PRODUÇÃO ASSEGURADA POR ENCOMENDAS

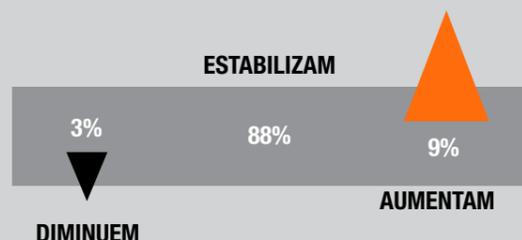
Apesar desta ligeira evolução negativa, a carteira de encomendas do setor mantém-se sólida: quase metade das empresas inquiridas (44%) afirma ter dois a três meses de **produção assegurada**. A situação é ainda mais favorável entre as que se dedicam exclusivamente à exportação, metade das quais dizem ter pelo menos três meses de produção garantida. Em contrapartida, apenas 6% das empresas declaram ter menos de um mês de produção em carteira.



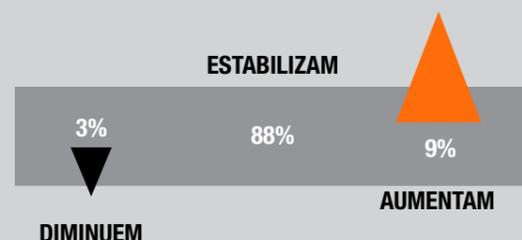
Preços

Embora as empresas que apontam para uma subida dos **preços em Portugal** excedam as que referem uma descida em 5 p.p., quase nove em cada dez empresas (88%) dizem que estes permanecem estáveis. A situação é praticamente idêntica no que respeita aos **preços nos mercados externos** embora, nesse caso, o saldo de respostas extremas seja ligeiramente mais alto (6 p.p.). É, sobretudo, entre as empresas que menos vendem coleção própria que se encontram indicações de subida dos preços.

EM PORTUGAL



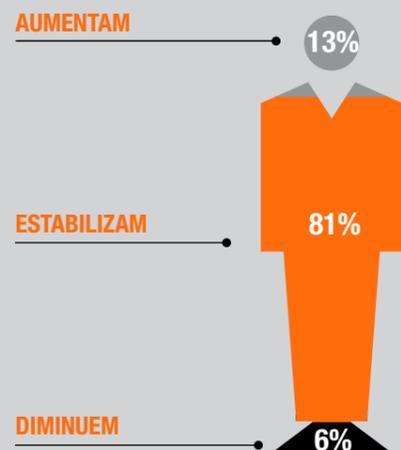
NO ESTRANGEIRO



Pessoas ao serviço

EVOLUÇÃO DO EMPREGO

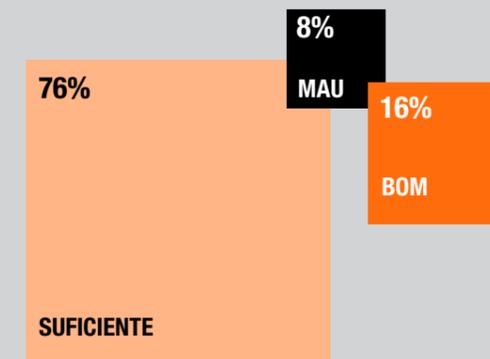
O emprego na indústria de calçado continua a evoluir positivamente: pelo terceiro trimestre consecutivo, as empresas que referiram um aumento do **número de pessoas ao seu serviço** superaram as que indicaram uma redução, sendo o saldo de respostas extremas de +7 p.p., o mais elevado dos últimos dois anos. Este saldo é particularmente significativo entre as empresas sem coleção própria, grupo em que atinge os 20 p.p.



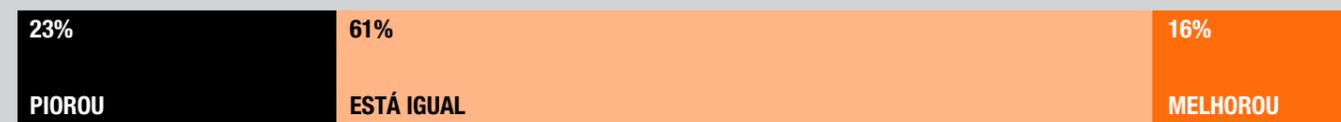
Estado dos negócios

As empresas fazem uma avaliação satisfatória da conjuntura setorial: três em cada quatro inquiridos dizem que o **estado dos negócios** é suficiente e os que entendem que é bom excedem os que consideram que é mau (+8 p.p.), como tem acontecido desde o início do ano. Estes resultados estão em linha com as previsões que as empresas tinham formulado no final do trimestre anterior.

Embora a maioria das empresas (61%) considerem que o estado atual dos negócios é idêntico ao que se verificava há um ano, as que entendem que piorou são mais do que as que pensam o contrário (s.r.e. -7 p.p.).



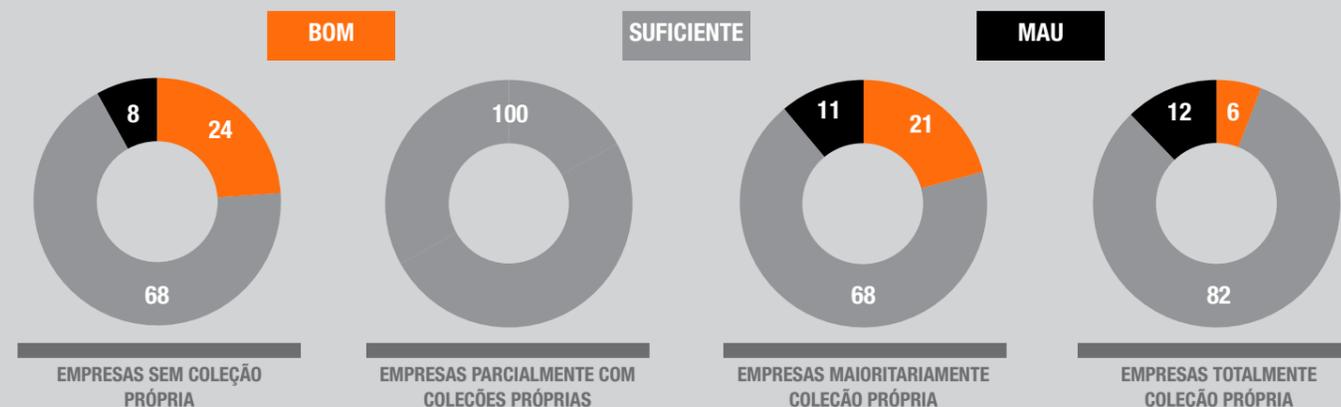
PERÍODO HOMOLOGO



Estado dos negócios por dimensão da empresa, orientação de mercado e peso da coleção própria nas vendas

A apreciação positiva sobre o estado dos negócios é comum às empresas dos vários escalões de dimensão e vocação exportadora. Quando analisadas as respostas em função do peso da coleção própria nas vendas, no

entanto, as empresas que procuram compatibilizar coleção própria com coleção do cliente mostram-se menos otimistas do que as que se dedicam exclusivamente a uma ou a outra.



Limitações à produção

As respostas das empresas relativamente às principais limitações que enfrentam refletem a conjuntura favorável que a indústria portuguesa de calçado tem vindo a atravessar ao longo dos últimos trimestres graças, sobretudo, à performance nos mercados externos. A continuação da tendência de redução da percentagem de empresas que dizem enfrentar dificuldades financeiras, que caiu agora para 6%, é um dos indicadores que patenteiam esta conjuntura favorável. Mais diretamente, esta é evidente no substancial aumento da percentagem de inquiridos que dizem não se debater com nenhuma limitação, que subiu para 24%, e que atinge mesmo os 47% entre as empresas que vendem exclusivamente coleção própria e 50% entre as que se dedicam exclusivamente à exportação.

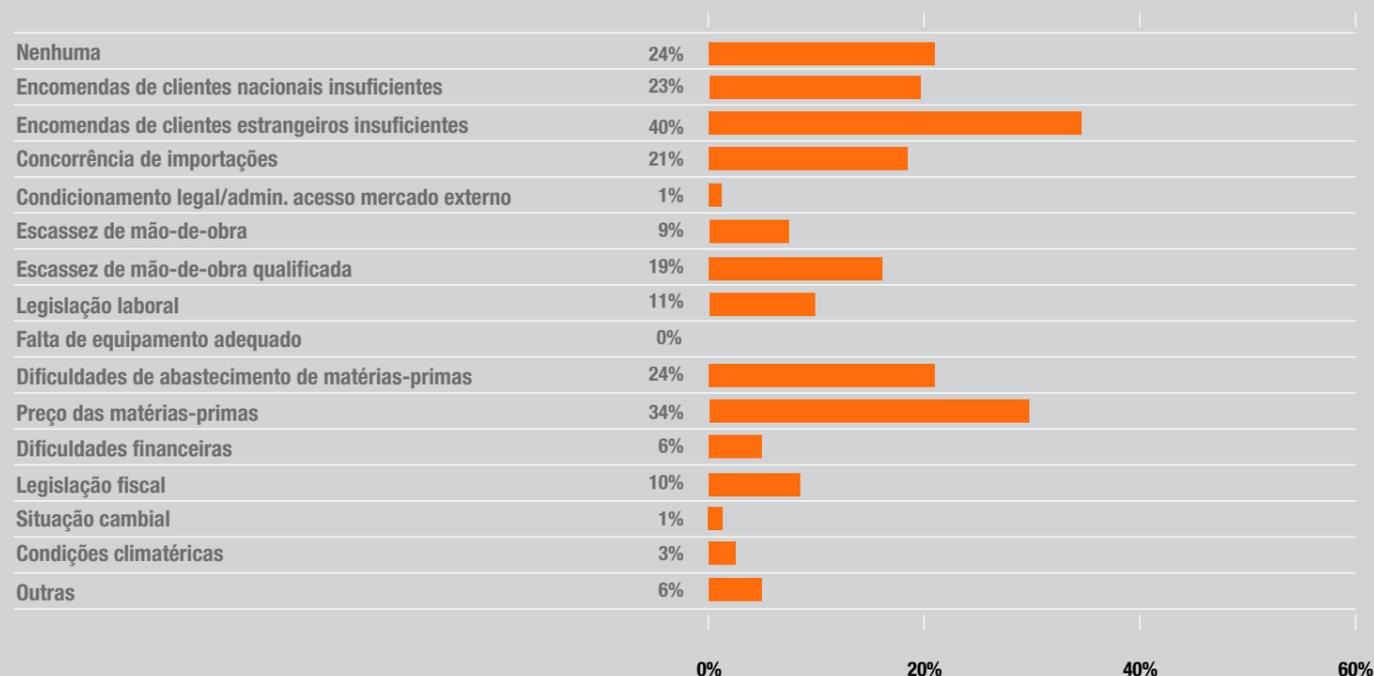
A insuficiência de encomendas de clientes estrangeiros continua a ser a limitação mais referida mas a percentagem de empresas que a mencionam caiu para 40%, o valor mais baixo dos últimos dois anos.

Cerca de uma em cada dez empresas afirmam debater-se com limitações decorrentes da legislação laboral e da legislação fiscal. Como habitualmente, nenhuma empresa declara ter limitações a nível do seu equipamento.

Apesar do menor dinamismo do mercado português, a referência a insuficiência de encomendas de clientes nacionais registou também uma ligeira redução, de 25 para 23%. Em contrapartida, a concorrência das importações mantém 21% de referências.

O elevado nível de atividade das empresas tem reflexos no mercado de trabalho, com 9% das empresas a queixarem-se de escassez de mão-de-obra e, especialmente, com as referências à escassez de mão-de-obra especializada a saltarem de 13 para 19%.

Apesar desse elevado nível de atividade, no último trimestre parece ter-se verificado algum alívio nas dificuldades que muitas empresas vinham a encontrar a nível de matérias-primas, com as referências a dificuldades de abastecimento a caírem de 32 para 24% e as referências ao seu preço a descerem de 39 para 34%.



2 - PERSPETIVAS PARA O 4º TRIMESTRE DE 2013

Tendências da produção

Para o último trimestre do ano, as empresas preveem a manutenção do seu nível de **produção**: dois terços pronunciam-se nesse sentido e as restantes dividem-se em igual número entre as expectativas de aumento e redução

da atividade. As empresas que se dedicam exclusivamente à exportação mostram-se, no entanto, mais otimistas, apresentando um saldo de respostas extremas positivo de 17 p.p.

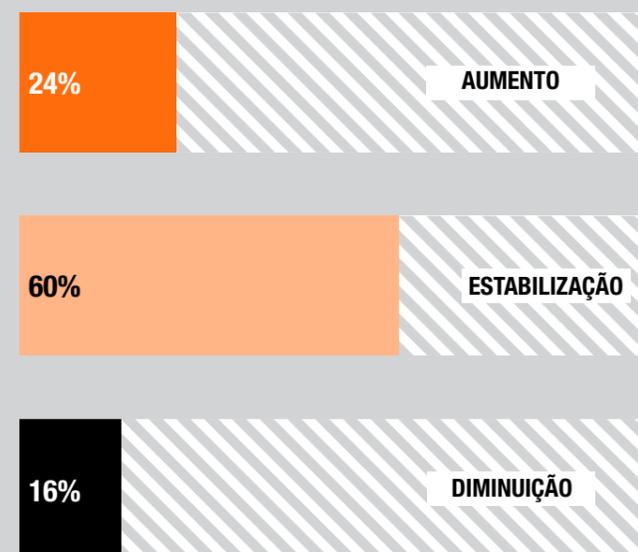


Perspetivas de encomendas

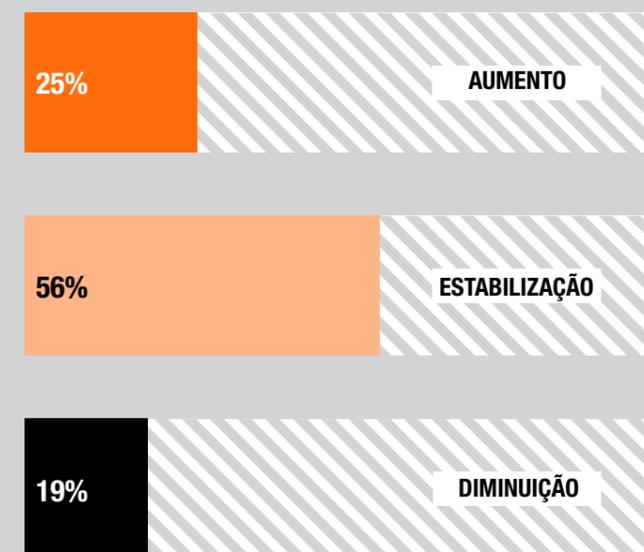
A **carteira global de encomendas** deverá registar algum reforço, uma vez que as empresas que apontam nesse sentido excedem em 8 p.p. as que receiam a sua diminuição, sendo esta tendência positiva comum a quase todas as classes de empresas, seja em termos de dimensão, de vocação exportadora ou de peso da coleção própria nas vendas.

Ao contrário do que tem acontecido em trimestres anteriores, a previsão relativa à **carteira de encomendas do estrangeiro** é ligeiramente menos favorável, sendo o saldo de respostas extremas de apenas 6 p.p. São sobretudo as empresas com menor peso da coleção própria nas vendas, que beneficiaram de um bom terceiro trimestre, que receiam que as encomendas possam agora diminuir.

PREVISÃO CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS



PREVISÃO CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTANGEIRO

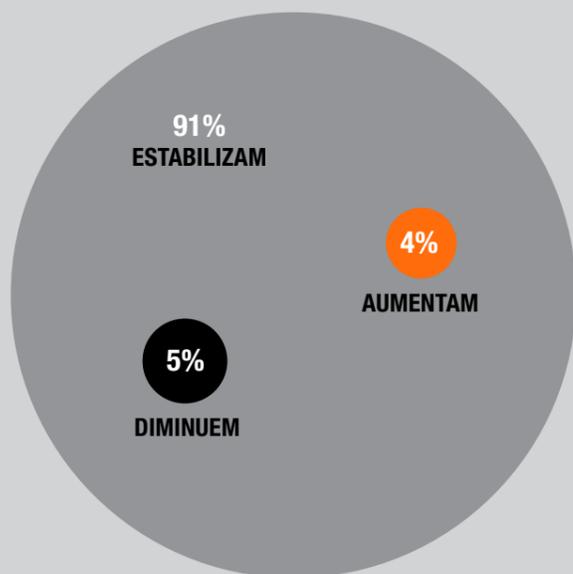


Perspetivas de preços de venda

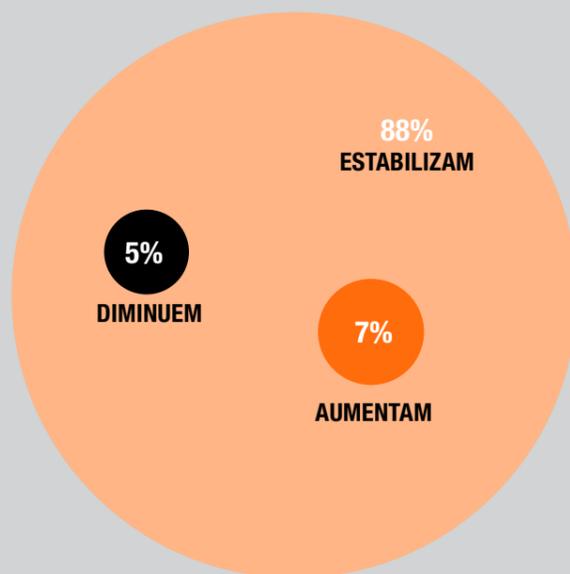
As perspetivas relativas aos preços de venda são marcadas pela estabilidade: cerca de 90% dos inquiridos acreditam que, no último trimestre do ano, os preços não registarão alteração, sendo os saldos entre os que esperam o seu aumento e os que preveem a sua diminuição bastante diminutos. Ainda assim, de assinalar que o

saldo relativo aos **preços em Portugal** é negativo (-1 p.p.) enquanto o correspondente aos **preços no estrangeiro** é positivo (+2 p.p.). Depois de se ter passado o inverso no trimestre anterior, as empresas que vendem exclusivamente coleção própria estão agora menos otimistas do que as restantes.

PREVISÃO DE PREÇOS EM PORTUGAL

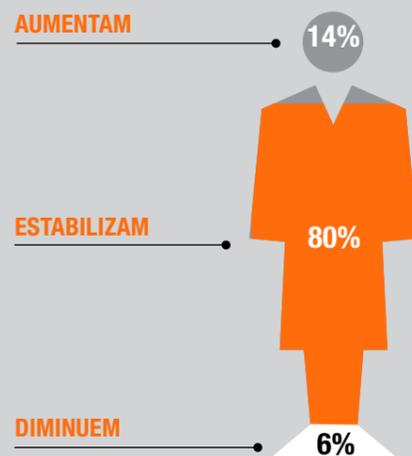


PREVISÃO DE PREÇOS NO ESTRANGEIRO



Perspetivas sobre o emprego

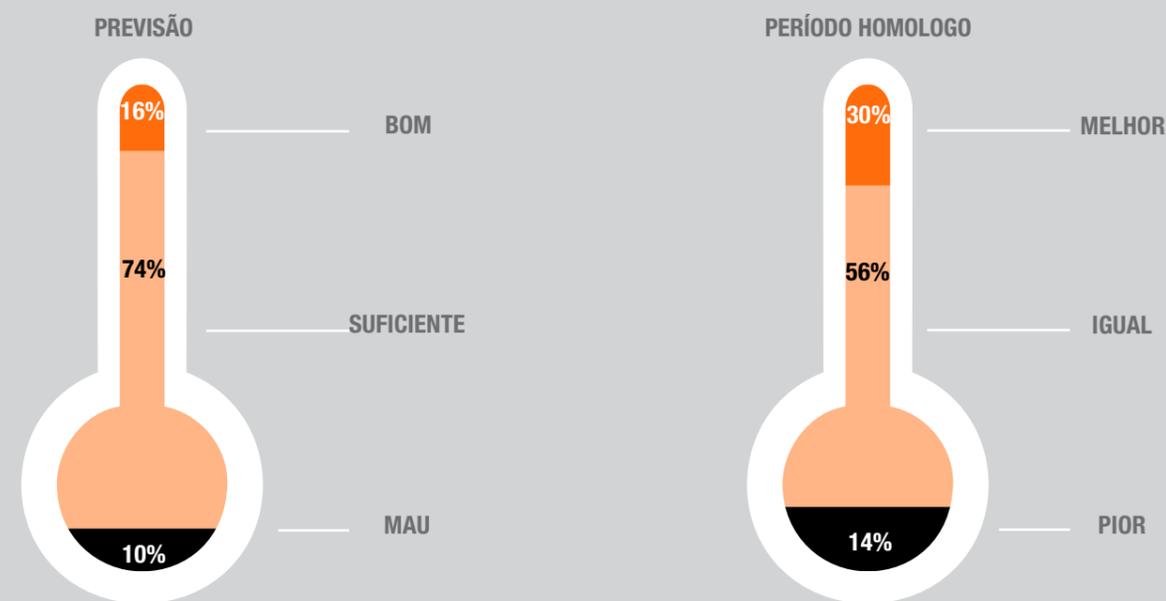
Quatro em cada cinco empresas afirmam não prever alteração no **número de pessoas ao seu serviço**. Contudo, o saldo entre as que preveem o seu aumento e a sua redução atinge 8 p.p., o que, relativamente a esta questão, é o valor mais elevado desde que se realiza este inquérito. A tendência de aumento é comum às empresas dos vários escalões de dimensão e vocação exportadora.



Perspetiva sobre o estado dos negócios

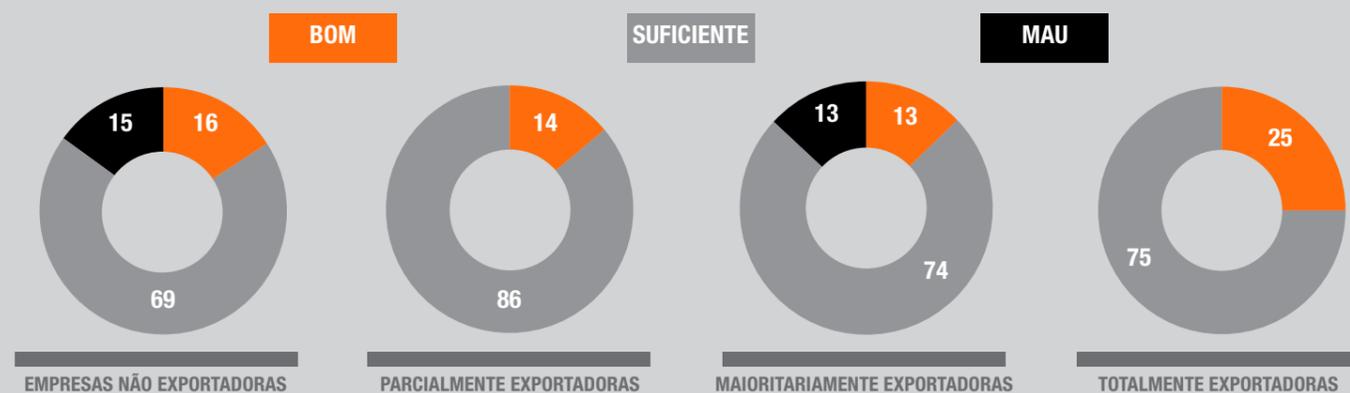
As empresas preveem que 2013 termine numa conjuntura favorável para a indústria de calçado: três em cada quatro inquiridos acreditam que o **estado dos negócios** no quarto trimestre será suficiente e os que pensam que será bom superam em 6 p.p. os que receiam que seja mau.

Por comparação com o ano anterior, as empresas perspetivam uma melhoria da situação: as que acreditam que o estado dos negócios no último trimestre de 2013 será mais favorável do que o verificado no derradeiro trimestre de 2012 excedem em 16 p.p. as que pensam que será pior, havendo 56% de inquiridos que preveem que seja igual.



Apuramento dos resultados

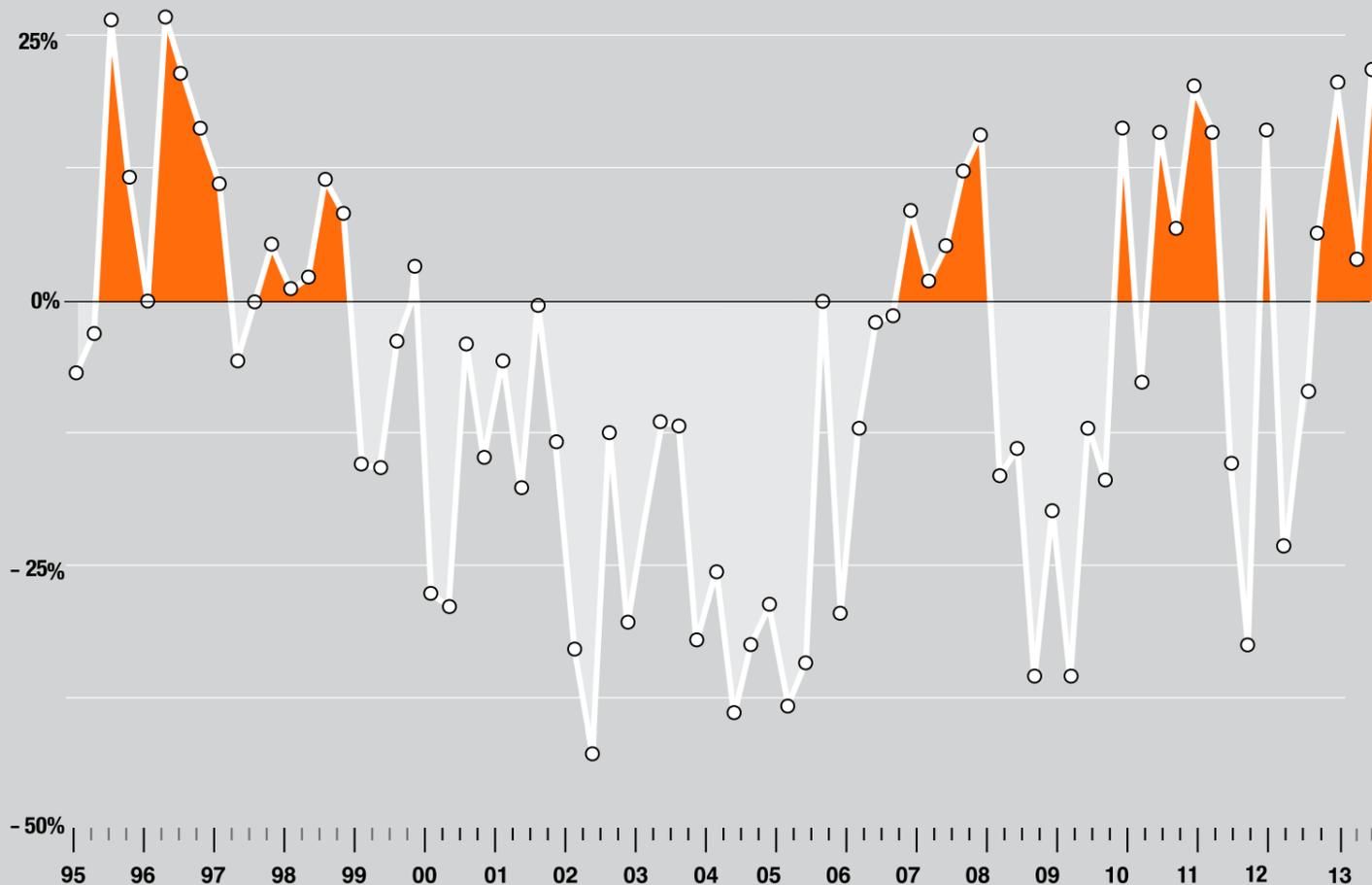
As empresas exclusivamente exportadoras são o grupo que se mostra mais otimista quanto ao estado dos negócios no quarto trimestre. Não há, no entanto, uma relação clara entre orientação exportadora e avaliação do estado dos negócios, como aliás também acontece em termos de escalões de dimensão ou de peso da coleção própria nas vendas.



Indicador Síntese

Expectativas Empresariais

O indicador síntese de expectativas empresariais mantém-se positivo, pelo quarto trimestre consecutivo, e, refletindo as perspectivas favoráveis já apresentadas, ascende a 17 p.p., o valor mais elevado desde o início de 2011.



Para o último trimestre do ano, as empresas preveem um agravamento das suas dificuldades mais significativas: 46% afirmam esperar dificuldades relacionadas com a insuficiência de encomendas de clientes estrangeiros, quando apenas 40% dizem tê-las sentido no terceiro trimestre; e 40% dizem esperar dificuldades decorrentes do preço das matérias-primas quando apenas 34% afirmaram ter sentido esse problema no trimestre transato. Há também ligeiros agravamentos nas previsões de dificuldades relacionadas com a legislação

fiscal (de 10 para 11%), com as condições climatéricas (de 3 para 4%) e com dificuldades financeiras (de 6 para 7%). Em contrapartida, as empresas esperam um abrandamento das limitações ligadas à escassez de mão-de-obra (de 9 para 4%), à legislação laboral (de 11 para 7%), à insuficiência de encomendas de clientes nacionais (de 23 para 21%) e ao abastecimento de matérias-primas (de 24 para 23%).

Notas de Conjuntura

O Fundo Monetário Internacional publicou, em Outubro, as suas perspectivas para a economia mundial (World Economic Outlook). O FMI prevê que a economia mundial cresça 3,6% em 2014 mas considera que a incerteza em torno desta previsão é predominantemente de sentido negativo. A economia da área euro deverá crescer apenas 1% e, entre os grandes estados membros, só a Alemanha deverá exceder esse valor. O melhor resultado deverá ser conseguido pela Estónia, com 2,5%, e o pior por Chipre cujo PIB deverá cair 3,9% (depois de ter caído 8,9% no corrente ano). A economia portuguesa deverá crescer uns modestos 0,8%.

“O crescimento global continua débil, as dinâmicas subjacentes estão em mudança e os riscos de previsão mantêm-se negativos. Consequentemente, estão a surgir novos desafios de política e as repercussões externas das políticas podem justificar maior preocupação. Em especial, os mercados estão crescentemente convencidos que a política monetária dos Estados Unidos está a chegar a um ponto de viragem e isto levou a um grande aumento das taxas de juro de longo prazo nos Estados Unidos e em muitas outras economias (...). Esta mudança pode implicar riscos para as economias de mercado emergentes onde a atividade está a abrandar e a qualidade dos ativos a deteriorar-se. (...) Simultaneamente, o crescimento na China está a abrandar, o que irá afetar muitas outras economias, nomeadamente economias de mercado emergentes e em desenvolvimento exportadoras de commodities. Ao mesmo tempo, velhos problemas – um sistema financeiro fragmentado na área euro e níveis de dívida pública preocupantemente elevados em todas as economias avançadas – permanecem por resolver e poderiam desencadear novas crises. As maiores economias devem adotar urgentemente políticas que melhorem as suas perspectivas; caso contrário, a economia global poderá bem acabar numa trajetória de crescimento de médio prazo abaixo do desejável. Os Estados Unidos e o Japão devem desenvolver e implementar fortes planos com medidas concretas para o ajustamento fiscal de médio prazo e para a reforma de direitos e a área euro deve desenvolver uma união monetária mais forte e limpar os seus sistemas financeiros. A China deve dar um impulso permanente ao consumo privado para reequilibrar o crescimento da procura afastando-o das exportações e investimento. Muitas economias emergentes de mercado necessitam de uma nova ronda de reformas estruturais.”

Fundo Monetário Internacional, World Economic Outlook, outubro 2013¹

Os dados mais recentes do Instituto Nacional de Estatística sugerem alguma melhoria, ainda ténue e pouco consolidada, da conjuntura económica portuguesa.

“O indicador de clima económico tem vindo a recuperar desde o início do ano, após ter registado o mínimo da série em dezembro. O indicador de atividade económica aumentou em agosto, fixando o valor máximo desde junho de 2011, na sequência da trajetória crescente iniciada em junho de 2012. Em termos homólogos, a informação proveniente dos ICP [indicadores de curto prazo], disponível até agosto, revelou diminuições menos intensas da atividade económica nos serviços e na construção e obras públicas e uma evolução desfavorável na indústria. (...)”

O indicador quantitativo do consumo privado, disponível até agosto, prolongou o perfil ascendente observado desde o início de 2012, apresentando o primeiro crescimento homólogo desde fevereiro de 2011, devido ao contributo positivo das componentes consumo corrente e de consumo duradouro, mais intenso no primeiro caso. (...)”

O saldo das opiniões relativas à procura externa, expressas pelos empresários da indústria transformadora com produção destinada ao mercado externo, aumentou em setembro, prolongando o perfil ascendente iniciado em dezembro.

De acordo com os resultados preliminares do comércio internacional de bens, em termos nominais, as exportações passaram de uma variação homóloga de 4,0% em julho para 2,3% em agosto, mantendo o perfil de desaceleração do mês anterior. (...)”

O indicador de emprego dos ICP passou de uma variação homóloga de -5,1% em julho para -4,9% em agosto, continuando a apresentar taxas progressivamente menos negativas após ter estabilizado no valor mais baixo da série entre julho e setembro de 2012.”

Instituto Nacional de Estatística, Síntese Económica de Conjuntura, outubro 2013

**PORTU
GUESE
SHOES**
DESIGNED BY
THE FUTURE

